



AO SERVIÇO DA IGREJA DE CRISTO

Velada de armas e vigília de oração prévia à investidura de novos

Cavaleiros e Damas da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém

(Coimbra, Igreja da Santa Cruz, 18 de Outubro de 2014)

1. Introdução. Nesta velada de armas, que antecede e prepara a investidura de novos Cavaleiros e Damas da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém, conclui-se o tempo de preparação dos candidatos que, no decorrer desta liturgia, assumirão os compromissos que são próprios desta Ordem pontifícia. Amanhã, na Sé Nova desta cidade de Coimbra, em Eucaristia presidida pelo Senhor Cardeal Grão-Mestre da nossa Ordem, serão formalmente investidos como Cavaleiros e Damas do Santo Sepulcro.

Segundo uma antiquíssima tradição das ordens de cavalaria, na véspera da solene investidura, os futuros Cavaleiros e Damas permanecem em vigília de oração, para que assim se capacitem para o fiel cumprimento do grave compromisso que, no dia seguinte, formalmente assumem, diante de Deus e da sua Igreja. É este, com efeito, o sentido desta celebração vespertina, nesta histórica Igreja da Santa Cruz, tão apropriada para esta liturgia, não só pela sua denominação, que remete para a insígnia da nossa santa milícia, a pentacruz, mas também porque nela repousam alguns dos primeiros reis de Portugal, também eles valorosos cavaleiros da Cristandade. Com efeito, foi no âmbito da reconquista cristã e com o espírito de cruzada que este torrão à beira-mar plantado recuperou a sua identidade cristã, que séculos de dominação muçulmana tinham praticamente suprimido, e se fez ao mar, para levar a outras nações, nas velas das suas caravelas, a cruz de Cristo.

2. O chamamento para a Cruz. O evangelista São Mateus narra o episódio de que foi protagonista a mãe dos filhos de Zebedeu, a qual aproximou-se de Jesus, com os seus filhos, os apóstolos João e Tiago, «*prostrou-se diante d'Ele para Lhe fazer um pedido. 'Que queres?' –*



perguntou-lhe Ele. Ela respondeu: 'Ordena que estes meus dois filhos se sentem um à tua direita e o outro à tua esquerda, no teu Reino'» (Mt 20, 20-21).

A atitude, aparentemente devota, daquela mulher, que se prostra diante de Cristo, parece manifestar humildade, mas o pedido que depois Lhe transmite contradiz essa aparência. Possivelmente instigada pelos filhos, a quem, de facto, Jesus responde logo de seguida, ela pensa em grandezas terrenas, poderes humanos e efémeras honras. Contudo, o que os verdadeiros soldados de Cristo, nomeadamente os que militam na Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro, devem ambicionar é o serviço abnegado e humilde à Igreja universal e particular e, em especial, à comunidade católica hierosolomitana.

Caríssimos candidatos: é para servir Cristo, na sua Igreja e nesta Ordem, e não para vos servirdes de Cristo, ou da Igreja, ou de esta Ordem, que fostes admitidos como postulantes e amanhã, se perseverardes neste santo propósito, sereis investidos, pelo nosso Grão-Mestre, como Cavaleiros e Damas do Santo Sepulcro de Jerusalém. Se alguém, sem outro propósito que não fosse o de se envaidecer com a honra inerente à condição de membro da Ordem, simulasse as rectas intenções que são indispensáveis para o seu válido ingresso nesta instituição eclesial, talvez iludisse quem, na Ordem e na Igreja, tem a missão de escrutinar as disposições dos aspirantes, mas não poderia evitar o juízo de Deus que, em seu dia, lhe reprovava severamente a sua falta de rectidão de intenção (cfr. Act 5, 1-11).

«Jesus retorquiu: 'Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que Eu estou para beber?'» (Mt 20, 22). Eles pensam em glórias e honras, mas Cristo responde-lhes com a humilhação da Cruz. Uma é a linguagem mundana; outra é a cristã: enquanto aquela procura subir, como a espuma; esta deseja a baixeza da voluntária servidão (cfr. Lc 1, 38). Assim o dizia São Paulo, na sua epístola aos cristãos de Filipos: *«Tende entre vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus, o qual, sendo de condição divina (...), aniquilou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens (...), rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz» (Flp 2, 5-8).*

Essa Cruz, bem patente nas nossas insígnias e nos nossos mantos, deve ser, sobretudo, uma realidade nas nossas vidas, nas nossas mentes e nos nossos corações. Só uma inteligência que se



humilha na fé e uma vontade que, pela obediência, se une ao querer de Deus, que se manifesta nos mandatos legítimos das autoridades eclesiais e dos dignitários da nossa associação, está em condições de realizar, efectivamente, a missão que Deus, pela sua Igreja, confiou à Ordem.

«*Cada cristão e cada comunidade*» – diz-nos o Papa Francisco na sua recente Exortação Apostólica – «*há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho*» (Papa Francisco, *A Alegria do Evangelho*, 24-11-2013, nº 20).

3. A natureza espiritual e universal da missão. À pergunta que o Mestre lhes dirigiu, Tiago e João, os filhos de Zebedeu, a que Nosso Senhor apelidou, com alguma graça, «*os filhos do trovão*» (Mc 3, 17), responderam: «*Podemos!*» (Mt 20, 22).

Talvez não consciencializassem, naquele momento, a grandeza da missão que se lhes pedia, nem fossem capazes de imaginar a amargura do cálice que, seguindo Jesus, também eles teriam que beber. Mas, não obstante essa sua possível inconsciência, a sua resposta é acertada porque, para o cumprimento da missão que a Igreja, através da Ordem, nos pede, contamos sempre com o auxílio da graça de Deus.

Como escreveu o Papa Francisco na Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, «*embora esta missão nos exija uma entrega generosa, seria um erro considerá-la como uma heróica tarefa pessoal, dado que ela é, primariamente e acima de tudo o que possamos sondar e compreender, obra de Deus*» (Papa Francisco, *A Alegria do Evangelho*, 24-11-2013, nº 12).

Neste sentido, permiti que insista, caríssimos candidatos, na absoluta necessidade dos meios sobrenaturais, que são as verdadeiras armas desta nossa milícia cristã. Não podemos, de facto, beber o cálice do Senhor, sem recorrer diariamente à oração; sem participar na Eucaristia, pelo menos todos os domingos e dias de preceito; sem recorrer, com frequência, ao Sacramento da Penitência; sem meditar habitualmente a palavra de Deus; sem rezar, se possível todos os dias, o rosário de Nossa Senhora; sem a prática da mortificação voluntária; sem empenho na imprescindível formação espiritual e doutrinal; sem estudar e conhecer os textos do magistério da



Igreja. Um fim tão exigente, como aquele que a Ordem do Santo Sepulcro nos propõe, só se pode alcançar se se recorrer a estes meios de santificação, que são verdadeiramente indispensáveis, porque uma empresa sobrenatural só se pode realizar com meios espirituais, ou seja, com a ajuda divina.

A nossa caridade, com efeito, não é mera filantropia, o nosso apostolado não é simples propaganda, a nossa obediência não responde apenas a razões de eficácia tática ou estratégica, nem os nossos objectivos se resumem a uma finalidade política ou económico-financeira. Certamente, queremos contribuir, também com os meios humanos ao nosso alcance, para o sustento da Igreja e dos cristãos na Terra Santa e para a paz no Médio Oriente. Mas a nossa missão não se esgota nessas paragens, porque estamos empenhados na vitória de Cristo-Rei, não apenas na zona geográfica que santificou com o seu nascimento, a sua vida terrena, a sua paixão, morte e ressurreição, mas em todos os continentes, em todas as nações, em todas as gentes, em todas as famílias e corações.

Por isso, o principal cenário onde cada membro da Ordem deve realizar a sua missão evangelizadora é a sua casa, o seu trabalho, a sua paróquia, a sua diocese e o seu país. É aí que, em primeiro lugar, é chamado a dar um bom testemunho da sua fé, como membro da família que é a sua, da paróquia e da diocese a que pertence, dos trabalhos onde serve a comunidade em que está integrado, do país e, até, da comunidade internacional, cada vez mais reduzida a uma aldeia global. Onde quer que esteja uma Dama ou Cavaleiro da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, há de ser, como se escreve no Sermão da Montanha, como «*o sal da terra*» (Mt 5, 13) e «*a luz do mundo*» (Mt 5, 14).

4. A prática da fraternidade. Há ainda um outro aspecto a sublinhar na entusiasta resposta de João e Tiago, quando, a Jesus, ambos disseram: «*Podemos!*» (Mt 20, 22).

Não recorreram à primeira pessoa do singular – posso! – em cujo caso a afirmação teria sido uma expressão individualista de auto-confiança, mas usam a primeira pessoa do plural, como quem reconhece que, só na comunidade que é a Igreja, se pode viver com autenticidade a fé. É também deste modo que Nosso Senhor nos ensinou a rezar ao Pai nosso que está nos Céus (cfr. Lc 11, 2-4) : mesmo quando um fiel o faz sozinho (cfr. Mt 6, 6), nunca reza só para si, mas reza com



todos os fiéis, porque ser cristão é ser comunidade, família, povo de Deus e assembleia sacerdotal. Numa palavra, é ser Igreja.

Também por esta razão, cada Cavaleiro e Dama do Santo Sepulcro não só é recebido pela competente autoridade da Ordem, mas também por todos os seus confrades, aos quais se une agora por um especial parentesco, uma nova fraternidade, que confirma e reforça a que nasce da nossa comum filiação divina (cfr. Jo 1, 11-13). Na fidelidade à Igreja e ao seu magistério, sempre unidos ao Santo Padre e aos nossos Bispos, e na obediência ao nosso Grão-Mestre, ao Grande Magistério e à nossa Lugar-Tenência, todos os Cavaleiros e Damas devem contar com a solidariedade dos seus irmãos na Ordem.

A nossa fraternidade deve manifestar-se na oração e no sacrifício, mas também na solicitude por servir cada um dos nossos irmãos; na atitude de acolhimento que a todos, sem excepção, devemos dispensar; na capacidade de compreender, amar e perdoar os nossos confrades, desvalorizando o que eventualmente deles nos separa e valorizando a fé que nos une; na prática da correcção fraterna, que tem sabor evangélico e é expressão autêntica da primitiva caridade cristã. Por isso, também, nunca se dá entre nós nenhuma crítica ou murmuração em relação a ninguém. Por isso, também, todos professamos um afecto sincero, interno e externo, ao Santo Padre, aos nossos Bispos, às autoridades da Ordem, a todos os Cavaleiros e Damas, sem excepção.

5. Oração pelos cristãos da Terra Santa. *«Na verdade, bebereis o meu cálice; mas, o sentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me pertence a mim concede-lo: é para quem meu Pai o tem reservado»* (Mt 20, 23).

Eles haveriam de beber aquele cálice, mas não já. Contudo, há irmãos nossos na Palestina, na Síria, no Iraque, na Nigéria, no Paquistão e em tantos outros lugares que estão, neste mesmo momento, a beber o cálice da paixão e morte de Cristo. São pungentes as mensagens que nos chegam dos fiéis dessas latitudes, implorando as nossas orações e a nossa solidariedade. Façamos eco, nos nossos corações, a esses seus rogos, dando voz aos que não têm voz, na esperança de que, como nos primeiros tempos da Igreja, o sangue dos mártires seja sementeira de novos cristãos.



Quando quase todos os apóstolos abandonaram Jesus; quando os mais de setenta discípulos que o Senhor, alguma vez, enviara a pregar, desertaram do Calvário; quando os milhares de homens, mulheres e crianças que o Mestre alimentou, com os pães e peixes milagrosamente multiplicados, fugiram, escandalizados, do Gólgota; quando os possessos, os cegos, os mudos, os surdos, os coxos, os paralíticos e os outros doentes se envergonharam do lenho em que agonizava o seu libertador; quando os fariseus e os doutores da lei maldisseram o que foi crucificado entre dois ladrões; houve alguém que permaneceu fiel, «*iuxta crucem Iesus*», junto à Cruz de Jesus: sua Mãe, Maria! (Jo 19, 25).

Seja, pois, para Nossa Senhora da Palestina este nossa última prece e derradeiro olhar, antes de que Seu divino Filho, realmente presente sob as espécies eucarísticas, nos bendiga. Que Maria nos confirme a todos no santo propósito de servir a Igreja e a Ordem e abençoe, de forma especial, estes candidatos que, se Deus quiser, amanhã serão investidos Cavaleiros e Damas do Santo Sepulcro de Jerusalém. Que a Mãe de Jesus obtenha a graça da paz para a terra que, mais do que nenhuma outra, é sua e, por esse motivo, é também a pátria espiritual de todos os cristãos. Que a Santíssima Virgem assista a todos os nossos irmãos mais necessitados, para que nunca lhes falte o consolo da nossa oração, nem a nossa ajuda solidária.

Rogai por nós, santa Mãe de Deus! Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria!

P. Gonçalo Portocarrero de Almada

Cerimoniário Eclesiástico

Lugar-Tenência de Portugal